

FÁTIMA LOPES

*O Amor Mora
no Andar de Cima*



 Planeta

A todos os que arriscam
deixar o amor entrar

«Anabela estava decidida. Não deixaria escapar a sua grande paixão. Tinha vivido demasiado tempo amarrada a regras e ao que todos esperavam dela, com medo de desiludir alguém. Mas ela, sim, ela própria era a pessoa que mais a desiludia na vida. Só que desta vez não. Desta vez largaria tudo, emprego, amigos e até o *Xavier*, o seu adorável gato de pelo cinzento que tanta companhia lhe fazia nos bons e, principalmente, nos maus momentos, confidente e amigo, e seguiria Raul. O espanhol, de corpo musculado e sorriso irresistível, que conhecera numas escaldantes férias de verão em Tenerife.

Tinha tido a coragem de ir sozinha para aquela ilha, ela mais uma série de livros como única companhia, mas quando os seus olhos se cruzaram com os de Raul no bar de praia, ela soube que era para sempre.

Regressou a casa, depois de fazer juras de amor que sabia que não iria cumprir. Inesperadamente, na solidão das quatro paredes de sua casa, ao receber um *e-mail* de

Raul decidiu escolher-se a si. Segui-lo-ia até onde fosse preciso em busca da felicidade que tanto desejava... Mas não foi preciso. A campainha tocou e, quando abriu a porta, Anabela não queria acreditar no que os seus olhos viam...»

Suspiro. Irritada, atiro com os óculos para cima do computador e levanto-me da secretária, já em total desespero. Espreguiço-me para tentar endireitar as costas, que acusam o cansaço e o meu *stress*. Não consigo escrever. Estou com um bloqueio criativo. Tenho um livro para entregar daqui a menos de seis meses. A minha editora envia-me inúmeras mensagens e *e-mails* a perguntar como vai a minha escrita e a pedir que lhe envie capítulos fechados. Como se isto fosse pouco, ainda me fala do título, da imagem da capa e do plano de comunicação e *marketing*... eu não consigo escrever mais do que umas linhas por dia, que acabo por apagar furiosamente por não encontrar uma voz ou um caminho que me faça sentido para este livro. Não consigo encontrar uma trama que me convença, nem sequer as palavras certas para coser a história.

Nunca tal me tinha acontecido. Escrevo livros há mais de dez anos. Sou aquilo a que se chama uma autora *bestseller*, porque vendo milhares de exemplares. Os meus livros estão sempre nos *tops* dos mais vendidos e com eles percorro o país de lés a lés em sessões de autógrafos, em participações em clubes de leitura, o que acabou por levar ao nascimento, imaginem, de um clube de fãs. Carinhosamente tratam-se entre elas por *Anettes* e seguem-me para todo o lado, enviam-me prendas para a editora, cartas e *e-mails* longuíssimos

a pedir conselhos sobre a vida no geral e sobre as suas escolhas amorosas em particular. Ora a quem é que elas pedem conselhos! Se imaginassem quem eu realmente sou e como a minha vida é absolutamente, totalmente e desesperadamente vazia e desinteressante, não se davam ao trabalho nem de pôr um gosto numa publicação minha nas redes sociais.

Volto a espreguiçar-me e abro a porta do frigorífico à procura de consolo e alento. Mas nem aqui encontro o que procuro. É um cenário de miséria. Tenho definitivamente de ir ao supermercado...

Chamam-lhe a crise da página em branco, a crise do escritor, bloqueio criativo, sei lá... Repito para mim própria. Nunca tal me tinha acontecido. Sou uma autêntica máquina de escrever romances. Escrevo dois por ano, um em abril, outro em outubro, para o Natal. Tenho as ideias organizadas em cadernos, em esquemas certos e infalíveis. Quando me sento em frente ao computador, os caracteres começam a acumular-se nas páginas e quando dou por mim tenho 300 páginas escritas, limpas, prontas a entregar à minha editora, que rejubila a cada linha que lê, de tão genial e inspiradora que eu sou como escritora.

Devia estar a sentir-me à beira da morte com este bloqueio, por não estar a cumprir com os meus deveres e obrigações. Sou sempre tão cumpridora e responsável com tudo na minha vida que até chateia. Uma verdadeira folha de Excel com pernas. Mas, apesar de me sentir nervosa e ansiosa por estar a falhar com tudo e com todos, penso ao mesmo tempo que tenho de me dar tempo. Algo a que nunca me permiti ao longo da vida. Sempre vivi a correr de compromisso em

compromisso. A tentar provar alguma coisa aos outros ou a mim mesma, ou, quem sabe, a tentar ocupar cada minuto do meu dia para não pensar no meu passado e no vazio que tenho vivido.

Sinto-me cansada da minha vida, absolutamente sem ideias, nem vontade de escrever. E se parasse durante uns tempos? E se tirasse um ano para mim? Será que seria capaz? O que é que aconteceria, além do óbvio ataque cardíaco da minha editora, da desilusão das minhas leitoras e de menos uns zeros na minha conta bancária? E se...

São perguntas que me faço regularmente, mas falta-me a coragem necessária para parar realmente. Para parar de viver em piloto automático e ser capaz de me questionar e de escolher o que realmente me apetece. Escutar-me e deixar tudo em *standby* à espera que eu ganhe um sentido para a vida. Uma orientação verdadeira, que me faça sentido a mim.

Escrevo sobre mulheres empoderadas e corajosas que na maioria das vezes lutam pelo amor de homens quase sempre atléticos, bem-sucedidos e bem-parecidos. Isto sempre em cenários paradisíacos, para os quais nunca viajei. Sim, nunca fui à Grécia, nunca fui a Bali, nem mergulhei no mar das praias paradisíacas da Tailândia – devem ser bem mais quentes que as águas geladas da praia da Caparica –, mas hoje em dia tudo se pesquisa na Internet. Tudo se pode fabricar. Ah, e claro que os meus livros, além de muito românticos, têm uma dose generosa de sexo, área na qual também não tenho muita experiência. Especialmente nos últimos (muitos) anos...

Tenho 47 anos, sou mãe de uma miúda de 27 anos, miúda não, mulher de 27 anos, que – verdade seja dita – trato como

se tivesse 12. Não tenho um relacionamento há... Bom, não interessa, perdi a conta aos anos, mas já são muitos. Demais, reconheço. E os relacionamentos que tive foram fugazes e pouco comprometidos, porque na primeira oportunidade fugi deles a sete pés.

O amor que tenho na vida está nas páginas dos meus livros e nos filmes que vejo, vezes sem conta, na televisão. Os filmes são todos mais ou menos assim: ela regressa à sua terra natal, em busca da felicidade que não encontrou na grande cidade, normalmente Nova Iorque – a maioria são filmes americanos –, e na sua terra pequena – na maioria das vezes há neve, sobretudo se for um filme de Natal – encontra um ex-namorado que ficou a suspirar por ela na dita terriola. E, imagine-se, surpresa das surpresas, ficam juntos e apaixonados para sempre. Também se pode dar o caso de a protagonista ir viver para a terriola e conhecer um rapaz que odeia, que a irrita e que ela despreza profundamente, para no final (mais uma vez), imagine-se, apaixonarem-se perdidamente. Adoro estes filmes. Vejo-os todos, apesar de saber como começam e como acabam. E nalguns (a maioria) não consigo conter umas quantas lágrimas.

O alarme do meu telemóvel toca e interrompe os meus pensamentos e a minha – graças a Deus – suposta escrita. Está na hora de ir ao supermercado. Tenho de fazer as compras da semana para o senhor António e a dona Clarisse, que moram no piso de baixo. Aproveito e encho a minha despensa também. Penso em batatas fritas e amêndoas com chocolate e escrevo na lista: batata-doce e amêndoas torradas.

Uma ótima desculpa – não é que precise de muitas – para deixar o meu computador e o documento Word que continua só com meia dúzia de linhas, a atormentar-me e a fazer-me sentir culpada.

Culpa: um sentimento com que vivo desde que nasci. Agora é a culpa de não escrever, que se juntou à culpa de não ser boa filha, de ser uma mãe insuficiente, porque, claro, o universo castiga. Culpa de não ter conseguido construir uma família tradicional. E a lista continua...

Os meus vizinhos – o senhor António e a dona Clarisse – são casados há mais de cinquenta anos, os dois têm 78 cada e vivem sozinhos. O único filho que tiveram morreu há uns largos anos, num trágico acidente de carro, com a mulher e a filha pequena. Uma dor que carregam em silêncio, com uma dignidade que não deixa de me surpreender e que tanto respeito.

Eu moro neste prédio antigo de quatro andares, no centro de Lisboa, há mais de vinte anos e quando para aqui mudei o senhor António e a dona Clarisse foram incansáveis. Receberam-me a mim e à minha filha Isabel, que era pequenina na altura, de forma muito carinhosa e sempre preocupados e atenciosos connosco. Eu era mãe solteira e eles, sem fazerem perguntas, sem quererem saber nada da minha história, acolheram-me com uma generosidade que há muito tempo não sentia. Depois aconteceu a terrível tragédia e os seus olhos mudaram para sempre. Apesar da força e da resiliência que têm demonstrado e que acredito vir da sua união enquanto casal, uma sombra toldou-lhes o olhar e nunca mais desapareceu. Tenho tentado desde esse momento apoiá-los como

posso ou consigo, mas nestas situações, infelizmente, pouco mais há a fazer, além de estarmos presentes... O que se diz a uns pais que perderam o filho, a neta e a nora? Que perderam tudo? Na verdade, não se diz nada. Só podemos tentar consolá-los com a nossa presença, com o nosso carinho, amor e dedicação. Estar presente.

Faço o que posso – e sei que é pouco – para os ajudar. Vou às compras por eles para não andarem a carregar sacos pesados, ao sábado damos um passeio no jardim ao pé de casa, para apanharem ar e conversarem, bebemos um café na esplanada do senhor Anselmo e da dona Júlia, vindos há muitos anos da Guarda para a capital e que estão sempre a embirrar um com o outro. De tanto o fazerem, eu acho que são o casal perfeito, como lhes costumo dizer. Estas duas personagens davam uma bela telenovela da noite, garanto-vos.

Uma vez por semana, vou beber chá com a dona Clarisse e ouvir as suas histórias. Para ser honesta, vou também para desabafar, porque nela encontrei sempre um ombro amigo e conselhos sábios. Leio-lhe partes dos meus livros, que ela adora, porque diz que os seus olhos cansados reclamam quando fixa as páginas com letras demasiado pequenas. Eu acho que ela consegue ler sem esforço, mas na verdade gosta é do nosso momento a duas. Costuma dizer-me na brincadeira: «Tu já viste a minha sorte, ter a autora a ler para mim!» Na realidade, eu é que sou uma sortuda por a ter na minha vida e poder ouvir as suas palavras tão simples, mas tão sábias. E, claro, sempre que precisam e eu posso, levo-os às consultas no hospital, apesar de nunca pedirem, por não quererem incomodar. Repetem muitas vezes a palavra

incomodar, o que me entristece por perceber o temor que os mais velhos têm de roubar tempo ou perturbar os outros. De serem um estorvo, um peso, na vida dos mais novos.

As pessoas de idade o que mais precisam é do nosso tempo, da nossa companhia, da nossa presença e de que os ouçamos. Só precisam de atenção. E parece que esta é cada vez mais difícil de dar. Andamos todos a correr de um lado para o outro e a perder a capacidade de dar atenção, de ouvir, de estar presente. E não falo só fisicamente, mas emocionalmente presentes e conectados uns com os outros.

O senhor António e a dona Clarisse têm uma bonita história de amor, que não tem paisagens exóticas, nem mulheres sedentas de sexo. Tem apenas amor puro e simples e uma grande dose de coragem, num tempo em que um amor, como o deles, lhes foi negado.

Portanto, eles moram no primeiro andar, eu no segundo e o terceiro é uma casa para arrendamento temporário, que agora está vazia, mas que costuma ser um entra e sai de gente que perdemos a conta. Não conseguimos decorar os rostos. No rés do chão mora o senhor Alberto, uma personagem daquelas... Quase não o vemos nem ouvimos e, quando acontece o milagre de o encontrarmos, não faz mais do que responder ao nosso «bom dia» ou «boa tarde». É viúvo e os seus filhos – julgo que tem dois rapazes, já casados e com filhos – raramente aparecem. Aliás, não os vejo pelo menos há dois anos. Enquanto a esposa do senhor Alberto foi viva, a casa tinha movimento e o casal dava-se muito com o senhor António e a dona Clarisse. Aliás, saíam muitas vezes juntos e às vezes partilhavam as refeições. Com a morte da dona

Maria da Luz, os filhos foram deixando de vir visitar o pai e o senhor Alberto fechou-se ao mundo e ao contacto com os outros.

Saio de casa com sacos para as compras. Ao descer as escadas, nem preciso de tocar à campainha, porque o senhor António abre logo a porta para me dar a lista de compras e o dinheiro. E, claro, para agradecer pela milésima vez a minha ajuda.

– Ai, Ana, Deus te pague, que o favor que nos fazes não tem preço. Vê lá se não te atrapalha o dia. Podes ir mais tarde, se te der mais jeito. Ou noutro dia qualquer. A nós não nos faz nenhuma diferença.

– Não, senhor António. Até agradeço, que hoje estou sem concentração para escrever. As ideias não me chegam... Assim, faço um intervalo para me distrair! E também preciso de comprar umas coisas para mim.

– Ah! E lá ir ao supermercado tratar da lista de uns velhos é distração? Devias ir almoçar fora com as tuas amigas e distraíres-te à séria, como as pessoas da tua idade fazem, Ana.

Sorri e virei costas com a lista na mão. Desci a rua a pensar nas palavras do senhor António. Repetição exata das palavras da dona Clarisse, que tantas vezes me diz para eu sair de casa, conhecer pessoas novas, viver a vida, que ela passa a correr. Como ela infelizmente tão bem sabe.

Os dias passam, e eu agarrada aos meus livros, ao meu sucesso, às minhas histórias inventadas que fazem tantas mulheres sonhar. Isto a contrastar comigo, que não consigo tirar os pés da terra nem deixar-me levar pelos meus sonhos.

Se pensar bem, que sonhos tenho? Já nem sei! Há tanto tempo que não tiro uns minutos para pensar verdadeiramente em mim, em quem eu sou, o que quero da vida e quais são os meus hipotéticos sonhos.

Quando regressei das compras, a porta do prédio estava aberta e uma carrinha de mudanças aguardava à porta, com pouca coisa para transportar. Fiquei intrigada, mas rapidamente percebi que era para o andar de cima, que pelos vistos ia ter novos moradores. Quando fui entregar os sacos das compras ao senhor António, ele já estava devidamente informado: era um homem que se ia mudar e arrendara a casa durante nove meses ou um ano, não sabia ao certo, o que não era nada habitual. Normalmente era por períodos de tempo muito curtos. O senhor António ainda não descobrira quem era o novo inquilino, mas isso rapidamente se resolveria porque não arredaria pé da porta. Isto, dizia ele, «só para te manter informada e para que não te preocupes», assegurou.

Sorri, nada preocupada com o assunto. Agradeceu novamente as compras e só tive tempo de perguntar pela dona Clarisse, que andava há uma semana aflita com uma gripe. Fui interrompida pelo toque do meu telemóvel. Era a Sandra, a minha editora. Pensei ignorar a chamada, temendo a avalanche de perguntas que me iria fazer, mas no dia seguinte tinha agendado um encontro num clube de leitura e podia ser alguma coisa relacionada com a minha ida lá. Infelizmente não era, mas sim exatamente o que eu temia:

– Ana, não me respondes às mensagens. O que se passa? – perguntou a Sandra.

– Queres que te escreva mensagens ou que escreva o livro? – respondi, tentando fingir um bom humor que não sentia.

– Ah, estás a escrever? Conta-me tudo. Em que página vais? Liguei-te para saber isso mesmo.

– Não sei ao certo – disse, visualizando o ecrã do meu computador e a página em branco...

– OK, mas vais adiantada, é o que interessa. Temos de falar do título, para irmos trabalhando a capa! Já sabes que temos de adiantar trabalho. A máquina não para! A máquina não para! – repetiu, caso eu não tivesse ouvido bem.

– Título? – perguntei eu admirada, como se não estivesse cansada de conhecer os vários passos do lançamento de uma nova obra.

– Sim, daqueles superpoderosos, que ficam no ouvido. Romântico, claro, e, se possível, que faça chorar as pedras da calçada... Como só tu sabes fazer! – disse com uma gargalhada.

– Sandra, estou a entrar em casa, falamos mais tarde, OK? Mas não te preocupes que está tudo sob controlo – disse eu mentindo à descarada, tentando despachar aquele telefonema o mais rápido possível.

– Mas, Ana, diz-me o que achas destes que eu pensei...

– Sandra, desculpa, mas acho que estou a perder rede, não te estou a ouvir bem. Falamos amanhã – disse enquanto desligava o telemóvel.

Quando cheguei a casa, pousei as compras na bancada da cozinha e, sem me dar ao trabalho de as arrumar, comecei a preparar um chá verde para mim. Tinha duas hipóteses:

sentar-me na secretária e enfrentar novamente a página em branco que tinha deixado à espera no meu computador portátil ou sentar-me no sofá, enrolada na manta, com lenços de papel a postos, a rever uma das minhas comédias românticas favoritas, que já vi umas dezenas de vezes.

Adivinhem lá quem ganhou este profundo dilema existencial?